

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RORAIMA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO II**

**SABERES DE POVOS INDÍGENAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SUA
VALORIZAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Discentes: Dalisia da Silva e Silva e Keyti Martins da Silva

Orientador(a): Lucilia Dias Pacobahyba

Boa Vista - RR

2026

DALISIA DA SILVA E SILVA
KEYTI MARTINS DA SILVA

**SABERES DE POVOS INDÍGENAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SUA
VALORIZAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Lucília Dias pacobahyba.

Boa Vista – RR
Junho/2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca do Instituto Federal de Roraima - IFRR)

S586s Silva, Dalisia da Silva e.
Saberes de povos indígenas sobre plantas medicinais e sua
valorização no ensino de ciências: uma revisão bibliográfica / Dalisia
da Silva e Silva, Keyti Martins da Silva. – Boa Vista, 2026.
34 f. : il.

Orientador(a): Profa. Dra. Lucília Dias Pacobahyba.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima. Curso de Licenciatura em
Ciências Biológicas, *Campus* Boa Vista, 2026.
Bibliografia: f. 33-34.

1. Saberes tradicionais. 2. Plantas medicinais. 3. Educação indígena.
4. Interculturalidade. 5. Sustentabilidade. I. Silva, Keyti Martins da. II.
Pacobahyba, Lucília Dias. III. Título.

CDD – 507

Elaborada por Paula Lima Garcia - CRB 11/887

SABERES DE POVOS INDÍGENAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SUA VALORIZAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Aprovado em: 15 de julho 2026

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 LUCILIA DIAS PACOBABHYBA
Data: 01/08/2026 20:45:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Lucília Dias Pacobahyba
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 MIRLA JANAINA AUGUSTA CIDADE
Data: 05/08/2026 18:42:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Mirla Janaína Augusta Cidade
(Professora Avaliadora)

Documento assinado digitalmente
 JESSICA MARTINS DE SOUZA
Data: 04/08/2026 16:22:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Jessica Martins
(Professora Avaliadora)

Boa Vista, RR
Junho/2026

RESUMO

O presente estudo aborda a valorização dos saberes tradicionais indígenas relacionados ao uso de plantas medicinais no contexto escolar, considerando sua importância cultural, social, ambiental e educativa. A pesquisa teve como objetivo geral analisar a importância do uso de plantas medicinais nas comunidades indígenas, destacando a valorização dos saberes tradicionais no contexto escolar. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva, desenvolvida a partir da análise de artigos científicos, dissertações, teses e livros que compuseram o corpus teórico do estudo. Os resultados evidenciaram que os saberes indígenas sobre plantas medicinais constituem um conhecimento estruturado, transmitido entre gerações por meio da oralidade, da observação e da prática cotidiana, envolvendo dimensões terapêuticas, culturais, espirituais e ambientais. Também se verificou que a inserção desses conhecimentos no ensino de Ciências favorece a interculturalidade, aproximando o conhecimento científico da realidade dos estudantes e promovendo uma aprendizagem mais significativa, crítica e contextualizada. Conclui-se que a valorização das plantas medicinais no ambiente escolar indígena contribui para fortalecer a identidade cultural, preservar saberes ancestrais, promover a saúde coletiva e incentivar práticas sustentáveis de cuidado com a natureza.

Palavras-chave: Saberes tradicionais. Plantas medicinais. Educação indígena. Interculturalidade. Sustentabilidade.

ABSTRACT

This study addresses the appreciation of traditional Indigenous knowledge related to the use of medicinal plants in the school context, considering its cultural, social, environmental, and educational significance. The general objective of the study was to analyze the importance of the use of medicinal plants in Indigenous communities, highlighting the appreciation of traditional knowledge within the school context. Methodologically, this is a qualitative, bibliographic, and descriptive study based on the analysis of scientific articles, dissertations, theses, and books that comprised the theoretical corpus of the research. The results showed that Indigenous knowledge about medicinal plants constitutes a structured body of knowledge transmitted across generations through oral tradition, observation, and everyday practice, encompassing therapeutic, cultural, spiritual, and environmental dimensions. It was also found that incorporating this knowledge into Science education promotes interculturality by bringing scientific knowledge closer to students' realities and fostering more meaningful, critical, and contextualized learning. It is concluded that valuing medicinal plants in the Indigenous school environment contributes to strengthening cultural identity, preserving ancestral knowledge, promoting collective health, and encouraging sustainable practices for caring for nature.

Keywords: Traditional knowledge. Medicinal plants. Indigenous education. Interculturality. Sustainability.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Contextualização do tema.....	6
1.2 Problema de Pesquisa.....	6
1.3 Objetivos	7
1.4 Justificativa	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 Saberes tradicionais e o uso de plantas medicinais nas comunidades indígenas	8
2.2 A interculturalidade no ensino de Ciências e a valorização dos conhecimentos indígenas	12
2.3 Educação, saúde e sustentabilidade: a importância das plantas medicinais no contexto escolar indígena.....	17
3. METODOLOGIA	23
3.1 Tipo de pesquisa e abordagem.....	23
3.2 Contexto/local.....	23
3.3 Participantes/amostra/corpus (com critérios de inclusão/exclusão).....	23
3.4 Instrumentos e procedimentos de coleta	24
3.5 Procedimentos de análise de dados.....	24
4. RESULTADOS	25
4.1 Organização por categorias, blocos ou variáveis	25
4.2 Saberes tradicionais e uso de plantas medicinais.....	26
4.3 Interculturalidade no ensino de Ciências	27
4.4 Educação, saúde e sustentabilidade no contexto escolar indígena	27
4.5 Síntese dos resultados encontrados	28
5. DISCUSSÃO.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7. REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do tema

A valorização dos saberes tradicionais indígenas no contexto educacional tem se mostrado cada vez mais necessária diante da diversidade cultural presente na sociedade. Entre esses saberes, destaca-se o uso de plantas medicinais, que constitui um conhecimento ancestral construído a partir da relação direta com a natureza e transmitido ao longo das gerações. Esse conhecimento integra aspectos culturais, sociais e ambientais, revelando formas próprias de compreender a saúde e o equilíbrio da vida. No ambiente escolar indígena, a incorporação desse tema possibilita a aproximação entre o conhecimento científico e a vivência dos estudantes. O ensino torna-se mais significativo, contextualizado e alinhado à realidade das comunidades, ao mesmo tempo em que contribui para a preservação cultural e a valorização das identidades indígenas. Os povos indígenas apresentam grande diversidade cultural, linguística e territorial, de modo que os conhecimentos relacionados às plantas medicinais variam entre comunidades e não devem ser compreendidos como um sistema único e homogêneo.

1.2 Problema de Pesquisa

Diante da importância dos saberes tradicionais indígenas e de sua relação com o uso de plantas medicinais, surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a literatura apresenta as possibilidades, os desafios e os cuidados éticos relacionados à valorização dos saberes indígenas sobre plantas medicinais no ensino de ciências? Considera-se, nesse sentido, a necessidade de articular educação, saúde e sustentabilidade de maneira contextualizada e respeitosa. Essa problemática busca compreender caminhos que favoreçam uma educação mais inclusiva, significativa e comprometida com a diversidade cultural.

1.3 Objetivos

Objetivo Geral

Analisar, por meio da literatura, as possibilidades, os desafios e os cuidados éticos relacionados à valorização dos saberes indígenas sobre plantas medicinais no ensino de Ciências.

Objetivos Específicos

- Identificar os desafios éticos, pedagógicos e culturais envolvidos no registro e na divulgação de conhecimentos indígenas no ambiente escolar.
- Identificar estratégias pedagógicas interculturais
- Discutir as relações entre educação, saúde e sustentabilidade no contexto escolar indígena.

1.4 Justificativa

A realização deste estudo justifica-se pela necessidade de valorizar os saberes tradicionais indígenas relacionados ao uso de plantas medicinais. Do ponto de vista científico, a pesquisa contribui para o diálogo entre o conhecimento tradicional e a ciência acadêmica. Essa aproximação amplia as possibilidades de estudo e compreensão da biodiversidade e reconhece práticas construídas a partir da experiência e da observação da natureza.

No campo educacional, a relevância está na promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e contextualizadas. A inserção das plantas medicinais no ensino fortalece a identidade cultural dos estudantes. O ensino de Ciências passa a considerar diferentes saberes. Dessa forma, contribui para uma educação mais intercultural e crítica.

Na dimensão social e ambiental, o estudo é importante por valorizar a cultura indígena e incentivar a preservação dos saberes ancestrais. Esses conhecimentos estão diretamente ligados ao uso sustentável dos recursos naturais. A pesquisa também destaca a importância da conservação da biodiversidade, incluindo a diversidade de plantas medicinais. Assim, o estudo pode oferecer subsídios para práticas educativas comprometidas com a valorização cultural e com o cuidado ambiental.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Saberes tradicionais e o uso de plantas medicinais nas comunidades indígenas

Os conhecimentos tradicionais indígenas constituem uma herança cultural consolidada ao longo de séculos, marcada pela íntima relação entre o ser humano e o meio natural. Esse conjunto de saberes resulta de experiências acumuladas, observações contínuas e práticas sociais transmitidas por meio da convivência coletiva. A oralidade desempenha papel essencial nesse processo, permitindo a preservação de histórias, técnicas e valores. Cada ensinamento carrega significados que ultrapassam o campo utilitário, envolvendo dimensões simbólicas e culturais profundamente enraizadas nas comunidades indígenas. Esse patrimônio revela formas próprias de compreender o mundo e a vida (Silva, 2019).

Nas comunidades indígenas, a natureza é compreendida como um elemento vivo, dotado de significado espiritual e essencial para a existência humana, estabelecendo uma relação pautada no respeito e na reciprocidade. O ambiente não é explorado de forma predatória, mas sim cuidado de maneira consciente, garantindo o equilíbrio coletivo. As plantas assumem papel central, sendo valorizadas tanto por suas propriedades terapêuticas quanto por sua importância cultural. O uso dos recursos naturais está diretamente relacionado à manutenção da vida e à harmonia entre os seres, orientando as práticas de cuidado no cotidiano das comunidades (Zoia, 2020, p. 233).

O conhecimento sobre plantas medicinais envolve a identificação de espécies, o reconhecimento de suas propriedades e a compreensão de suas aplicações específicas. Esse saber é construído por meio da observação detalhada da natureza e da experimentação ao longo do tempo. A prática constante permite o aperfeiçoamento das técnicas utilizadas. A aprendizagem ocorre de forma integrada ao cotidiano, facilitando a assimilação do conhecimento. Essa construção contínua fortalece a relação entre cultura e natureza (Paulino, 2022).

A transmissão desses saberes acontece principalmente no âmbito comunitário, com destaque para o papel de anciãos, pajés e curandeiros. Esses indivíduos são considerados detentores de conhecimentos essenciais para a sobrevivência cultural do grupo. A aprendizagem ocorre por meio da observação,

da escuta e da participação ativa nas atividades cotidianas. Esse processo favorece a internalização dos saberes de forma significativa. A continuidade das tradições depende dessa dinâmica coletiva (Valadares, 2020).

A fitoterapia indígena está diretamente relacionada à forma como cada povo compreende a saúde e o bem-estar. O equilíbrio entre corpo, espírito e ambiente é considerado fundamental para a manutenção da vida. As práticas de cura não se limitam ao tratamento de sintomas físicos. Aspectos espirituais e sociais também são levados em consideração. Essa visão amplia o conceito de saúde, integrando diferentes dimensões da existência humana (Gil, 2019).

De acordo com Silva (2019), o uso de plantas medicinais está frequentemente associado a rituais e práticas espirituais que reforçam a conexão entre o indivíduo e a natureza. Esses rituais possuem significados específicos dentro de cada cultura, e as plantas utilizadas nesses contextos desempenham funções tanto simbólicas quanto terapêuticas. A realização dessas práticas contribui para o fortalecimento da identidade coletiva, evidenciando o papel central da espiritualidade no processo de cuidado.

A diversidade de espécies vegetais utilizadas nas comunidades indígenas é ampla e reflete a riqueza da biodiversidade presente nos territórios. Cada planta possui uma função específica, sendo utilizada no tratamento de diferentes enfermidades. O conhecimento sobre essas aplicações é compartilhado entre os membros da comunidade. A continuidade dessa prática demonstra a relevância e sua permanência histórica nos contextos investigados, embora a eficácia e a segurança farmacológica devam ser avaliada de acordo com cada espécie e a forma de utilização (Zoia, 2020).

Os métodos de preparo das plantas medicinais variam conforme a finalidade terapêutica e as características de cada espécie. Técnicas como infusão, decocção, maceração e aplicação direta são amplamente utilizadas. Cada procedimento exige conhecimentos específicos sobre tempo e modo de preparo. A prática constante permite o aperfeiçoamento dessas técnicas. O domínio desses métodos reforça a autonomia das comunidades em relação ao cuidado com a saúde (Mendonça, 2020).

A escolha da planta adequada envolve a análise de diferentes fatores, como o tipo de enfermidade e as condições do indivíduo. Esse processo demonstra a existência de um sistema organizado de conhecimento.

se trata de uma prática aleatória, mas de um saber estruturado (Basso, 2021).

Segundo Paulino (2022), o entendimento dos ciclos naturais é um aspecto fundamental no uso de plantas medicinais, em alguns sistemas de conhecimento descritos na literatura, fatores ambientais e culturais, como estações do ano, clima e ciclos lunares, orientam os períodos de coleta e utilização das plantas. As comunidades desenvolvem estratégias a partir da observação desses fenômenos, o que favorece o aproveitamento adequado dos recursos naturais. A conexão com o ambiente contribui para práticas mais equilibradas, reforçando a sustentabilidade e o uso consciente da natureza.

A relação com o território é fundamental para a continuidade desses saberes. O acesso às áreas naturais permite a coleta das plantas utilizadas nos tratamentos. O território possui valor cultural, histórico e espiritual para as comunidades. A preservação dessas áreas garante a manutenção das práticas tradicionais. A ligação com a terra fortalece não apenas o uso dos recursos naturais, mas também a identidade e o pertencimento dos povos indígenas (Valadares, 2020).

As mudanças ambientais têm impactado a disponibilidade de plantas medicinais, comprometendo práticas tradicionais. A degradação dos ecossistemas reduz a diversidade vegetal e dificulta o acesso a espécies importantes. Esse cenário afeta diretamente a continuidade dos conhecimentos associados. A relação entre natureza e cultura torna-se fragilizada diante dessas transformações. A preservação ambiental mostra-se essencial para garantir a manutenção desses saberes ao longo do tempo (Gil, 2019).

A perda de territórios representa um desafio significativo para as comunidades indígenas. A limitação do acesso aos recursos naturais compromete práticas culturais importantes. Muitas espécies deixam de estar disponíveis para uso medicinal. Esse processo afeta diretamente a transmissão dos saberes. Por isso, a proteção das terras indígenas torna-se indispensável para assegurar a continuidade dessas tradições e modos de vida (Zoia, 2020).

A influência de culturas externas tem provocado mudanças nos modos de vida indígenas. O contato com sistemas ocidentais altera práticas relacionadas à saúde. Em alguns casos, ocorre a substituição de conhecimentos tradicionais. Esse processo pode enfraquecer a identidade cultural das comunidades.

De acordo com Valadares (2020), apesar das dificuldades, muitas comunidades continuam preservando o uso de plantas medicinais, evidenciando a resistência cultural e a importância desses conhecimentos para a identidade coletiva. Essas práticas permanecem presentes no cotidiano e são transmitidas entre gerações, garantindo a continuidade do saber tradicional. A tradição se mantém viva por meio da persistência e do compromisso coletivo com sua preservação.

O aprendizado sobre plantas medicinais inicia-se ainda na infância, por meio da convivência com os mais velhos. Crianças participam das atividades e observam as práticas realizadas. Esse contato favorece a construção de conhecimentos de forma natural. A experiência cotidiana contribui para o desenvolvimento da aprendizagem. O vínculo com a cultura é fortalecido e consolidado ao longo do processo de formação dos indivíduos (Silva, 2019).

A diversidade de espécies utilizadas reflete a riqueza dos ecossistemas presentes nos territórios indígenas. Cada região apresenta plantas específicas com propriedades distintas. O conhecimento sobre essa diversidade é detalhado e amplo. A relação direta com o ambiente favorece essa compreensão. A biodiversidade é reconhecida e valorizada como elemento essencial para a manutenção da vida e dos saberes tradicionais (Gil, 2019).

Além do uso terapêutico, muitas plantas possuem funções simbólicas e culturais. Elas são utilizadas em rituais, cerimônias e práticas espirituais. Esses usos reforçam a identidade e a coesão social das comunidades. O valor atribuído às plantas ultrapassa sua utilidade prática. Dessa forma, esse aspecto amplia a compreensão sobre a profundidade e a complexidade do conhecimento indígena (Zoia, 2020).

O interesse científico pelas plantas medicinais tem contribuído para o reconhecimento desses saberes. Pesquisas buscam compreender suas propriedades e possíveis aplicações. Esse movimento aproxima diferentes formas de conhecimento. No entanto, é necessário respeitar os direitos das comunidades. A ética deve orientar todas as relações estabelecidas entre pesquisadores e povos tradicionais (Paulino, 2022).

A interação entre conhecimento tradicional e ciência pode gerar contribuições relevantes. A troca de saberes amplia as possibilidades de estudo e compreensão. Essa aproximação fortalece o reconhecimento cultural das práticas indígenas. O respeito às tradições deve ser mantido nesse processo. O equilíbrio entre diferentes formas de conhecimento torna-se fundamental para uma construção conjunta e respeitosa (Valadares, 2020).

Segundo o autor Silva (2019), a valorização dos saberes tradicionais está diretamente relacionada ao reconhecimento de sua importância cultural e social. Para que essas práticas sejam preservadas, torna-se necessário garantir a proteção dos territórios e o respeito às tradições. Nesse sentido, o compromisso coletivo desempenha um papel fundamental na manutenção desses conhecimentos, reforçando a necessidade de reconhecer a cultura indígena como um importante patrimônio da sociedade.

Os saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais representam uma forma complexa de conhecimento, que integra aspectos culturais, sociais e ambientais. A continuidade dessas práticas depende da preservação dos elementos que as sustentam. A transmissão entre gerações garante sua permanência ao longo do tempo. Esse patrimônio cultural contribui para a diversidade de conhecimentos existentes. Portanto, sua valorização fortalece a identidade dos povos indígenas e amplia o reconhecimento de sua importância no mundo contemporâneo (Zoia, 2020).

2.2 A interculturalidade no ensino de Ciências e a valorização dos conhecimentos indígenas

A interculturalidade no ensino de Ciências propõe uma reorganização das práticas pedagógicas ao reconhecer que o conhecimento não se limita a uma única matriz cultural. Essa perspectiva rompe com a centralidade de modelos homogêneos e abre espaço para múltiplas formas de compreender a realidade, incorporando diferentes experiências e modos de interpretar o mundo. Os saberes indígenas deixam de ocupar uma posição marginal e passam a integrar o processo educativo de maneira mais efetiva, ampliando os horizontes de

aprendizagem e promovendo uma leitura mais diversa e crítica do mundo natural (Ives-Felix, 2019).

A valorização dos conhecimentos indígenas no ensino de Ciências contribui para questionar a ideia de neutralidade absoluta do saber científico, evidenciando que todo conhecimento está situado historicamente e culturalmente. Esses saberes, construídos a partir da vivência cotidiana e da relação direta com a natureza, revelam outras formas de interpretar fenômenos naturais. Ao serem incorporados ao currículo, ampliam a compreensão dos estudantes sobre o próprio conceito de ciência e favorecem o reconhecimento da diversidade epistemológica presente na sociedade (Marisco, 2016).

A proposta intercultural incentiva o diálogo entre diferentes formas de saber sem estabelecer hierarquias rígidas, promovendo o encontro entre ciência e tradição por meio da escuta, da troca e do respeito mútuo. Esse movimento favorece a construção de sentidos compartilhados e possibilita que os estudantes reconheçam a existência de múltiplas formas de explicar o mundo. Com isso, a aprendizagem torna-se mais dinâmica, interativa e significativa, já que o conhecimento passa a ser construído coletivamente (Gil, 2019).

Os saberes indígenas relacionados ao meio ambiente oferecem contribuições relevantes para o ensino de Ciências, especialmente no que se refere ao uso sustentável dos recursos naturais. Muitas dessas práticas resultam de observações acumuladas ao longo de gerações, evidenciando um profundo conhecimento dos ecossistemas. Ao serem trabalhadas em sala de aula, enriquecem os conteúdos científicos e tornam mais evidente a relação entre teoria e prática, contribuindo para uma compreensão mais ampla e integrada da natureza (Gaudêncio, 2022).

O uso de plantas medicinais como tema pedagógico permite integrar diferentes formas de conhecimento, aproximando o conteúdo escolar da realidade vivida pelos alunos. A partir desse recurso, é possível explorar conceitos científicos de maneira contextualizada, ao mesmo tempo em que se valoriza o conhecimento tradicional. Essa abordagem favorece uma aprendizagem mais significativa, pois estabelece conexões entre o saber escolar e as experiências concretas dos estudantes (Neves, 2020).

A interculturalidade também fortalece a identidade dos estudantes ao valorizar suas origens culturais e reconhecer seus saberes como legítimos.

Quando os alunos percebem que seus conhecimentos são respeitados no ambiente escolar, tendem a se envolver mais ativamente nas atividades propostas. Esse reconhecimento contribui para o sentimento de pertencimento e transforma a escola em um espaço mais acolhedor, no qual a diversidade cultural é compreendida como elemento enriquecedor do processo educativo (Ives-Felix, 2019).

A inserção dos saberes indígenas exige uma postura crítica por parte dos educadores, que precisam estar dispostos a rever concepções e práticas pedagógicas tradicionais. Essa abertura possibilita a construção de novas formas de conduzir o ensino, considerando diferentes referências culturais e promovendo o diálogo entre sujeitos. Nesse sentido, a sala de aula passa a ser entendida como um espaço de construção coletiva do conhecimento, no qual diferentes vozes são valorizadas (Cunha, 2015).

A valorização desses saberes contribui para a preservação cultural, especialmente considerando que muitos conhecimentos indígenas são transmitidos por meio da oralidade. Ao serem incorporados ao ensino formal, esses saberes ganham novas formas de registro e visibilidade, o que fortalece sua continuidade ao longo do tempo. A escola assume um papel fundamental na valorização e no reconhecimento do patrimônio cultural (Neves, 2020).

O ensino intercultural estimula o desenvolvimento de uma postura reflexiva nos estudantes, uma vez que o contato com diferentes formas de conhecimento os incentiva a analisar, comparar e questionar distintas perspectivas. Esse exercício contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e amplia a compreensão da realidade, tornando-a mais complexa e menos reducionista, o que favorece a formação de sujeitos mais conscientes e críticos (Gil, 2019).

O diálogo entre saberes científicos e indígenas possibilita novas interpretações sobre fenômenos naturais, já que as explicações tradicionais, baseadas na experiência, podem complementar o conhecimento acadêmico. Essa interação amplia o repertório dos estudantes e enriquece o conteúdo escolar, permitindo que diferentes visões coexistam de maneira produtiva e contribuam para um ensino mais investigativo e aberto à diversidade (Marisco, 2016).

A formação docente é essencial para a consolidação da interculturalidade no ensino de Ciências, pois os professores precisam estar preparados para lidar com a diversidade cultural presente na sala de aula. Esse preparo envolve tanto aspectos teóricos quanto práticos e deve ser contínuo, possibilitando ao educador atuar de forma mais consciente, crítica e sensível às diferenças, o que impacta diretamente a qualidade das práticas pedagógicas (Cunha, 2015).

A produção de materiais didáticos adequados também desempenha um papel importante nesse contexto, uma vez que esses recursos devem contemplar a diversidade de saberes presentes na sociedade. A inclusão de conteúdos indígenas amplia a representatividade no ensino e contribui para tornar o material mais próximo da realidade dos estudantes, facilitando o processo de aprendizagem e promovendo maior identificação com os conteúdos abordados (Gaudêncio, 2022).

Um outro aspecto relevante é a valorização da língua materna, já que a linguagem está diretamente relacionada à forma de pensar e compreender o mundo. Ao utilizar línguas indígenas no contexto educacional, promove-se o respeito à identidade cultural dos alunos e fortalece-se a comunicação em sala de aula, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e contribuindo para a preservação dessas línguas (Basso, 2021).

A interculturalidade favorece ainda a participação ativa dos estudantes no processo educativo, permitindo que deixem de ser apenas receptores de conteúdo para se tornarem sujeitos ativos na construção do conhecimento. Ao compartilharem suas experiências e saberes, contribuem para o enriquecimento do aprendizado coletivo, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo, interação e construção colaborativa (Ives-Felix, 2019).

Os saberes indígenas também oferecem importantes contribuições para a sustentabilidade, especialmente por estarem baseados em práticas que priorizam o equilíbrio com a natureza. Ao integrar esses conhecimentos ao ensino de Ciências, os estudantes passam a compreender de forma mais ampla a importância da preservação ambiental, desenvolvendo uma relação mais consciente e responsável com o meio ambiente (Mendonça, 2020).

A implementação da interculturalidade depende, em grande medida, de políticas educacionais comprometidas com a valorização da diversidade. É necessário garantir espaço para diferentes formas de conhecimento no currículo,

bem como apoiar práticas pedagógicas inclusivas que promovam o diálogo entre saberes. Esse reconhecimento institucional fortalece a proposta intercultural e contribui para a construção de uma escola mais democrática e equitativa (Cunha, 2015).

A integração de saberes também contribui para tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes, uma vez que o uso de experiências concretas aproxima o conteúdo da realidade dos estudantes. Essa aproximação favorece a participação ativa e aumenta o interesse pelo aprendizado, resultando em uma compreensão mais efetiva dos conteúdos trabalhados em sala de aula (Gil, 2019).

Ao valorizar os conhecimentos indígenas, a educação promove o respeito à diversidade cultural e contribui para a construção de relações mais justas e inclusivas. Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental ao combater a exclusão e ao reconhecer a importância de diferentes formas de saber, consolidando-se como um espaço de convivência plural e de formação cidadã (Neves, 2020).

A interculturalidade amplia as possibilidades metodológicas no ensino de Ciências, permitindo que os educadores explorem diferentes estratégias pedagógicas de acordo com as necessidades dos alunos. Essa diversidade metodológica torna o ensino mais flexível e adaptável, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e contribuindo para a inovação no ambiente escolar (Ives-Felix, 2019).

A integração entre diferentes saberes possibilita uma compreensão mais abrangente da realidade, já que nenhuma forma de conhecimento é completa de maneira isolada. Ao articular distintas perspectivas, o processo educativo se torna mais rico e conectado com o cotidiano dos estudantes, promovendo uma visão mais ampla e crítica do mundo (Gaudêncio, 2022).

A interculturalidade no ensino de Ciências também possibilita a problematização de conteúdos tradicionalmente abordados de forma fragmentada, promovendo uma visão mais integrada do conhecimento. Ao relacionar saberes científicos com experiências culturais diversas, os estudantes passam a compreender os fenômenos de maneira mais contextualizada. Essa articulação contribui para superar a compartimentalização dos conteúdos e favorece a construção de conexões mais amplas entre diferentes áreas do saber,

tornando o aprendizado mais significativo e coerente com a realidade (Cunha, 2015).

Outro ponto importante refere-se ao desenvolvimento da sensibilidade cultural, que é ampliada quando os estudantes têm contato com diferentes formas de interpretar o mundo. Esse contato contribui para a construção de atitudes mais respeitosas e empáticas em relação às diferenças, fortalecendo valores como o respeito, a cooperação e a valorização do outro. O ensino de Ciências deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e passa a contribuir também para a formação ética e social dos alunos (Marisco, 2016).

A interculturalidade favorece ainda a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, capazes de atender à diversidade presente no ambiente escolar. Ao considerar os diferentes contextos culturais dos estudantes, o professor pode adaptar suas estratégias de ensino de modo a garantir maior participação e compreensão por parte de todos. Esse processo contribui para reduzir desigualdades educacionais e promove uma aprendizagem mais equitativa, na qual todos têm a oportunidade de desenvolver seu potencial (Ives-Felix, 2019).

A consolidação da interculturalidade no ensino de Ciências representa um avanço significativo na construção de uma educação mais democrática e plural. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de saberes, a escola se torna um espaço de diálogo e transformação social. Essa perspectiva amplia o papel da educação, que passa a contribuir não apenas para a formação acadêmica, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e respeitosa em relação às diferentes culturas (Neves, 2020).

2.3 Educação, saúde e sustentabilidade: a importância das plantas medicinais no contexto escolar indígena

A educação indígena apresenta características próprias que se conectam diretamente com o cotidiano das comunidades e com a relação constante com a natureza. Nesse cenário, as plantas medicinais assumem um papel relevante no processo de ensino, pois fazem parte do conhecimento tradicional acumulado ao longo das gerações. A escola, ao incorporar esse tema, amplia as possibilidades de aprendizagem e fortalece a identidade cultural dos estudantes. O

conhecimento escolar passa a dialogar com a vivência dos alunos de forma mais significativa e contextualizada. A valorização dos saberes locais contribui para uma formação mais completa e respeitosa (Silva, 2019).

A inserção das plantas medicinais no ambiente escolar favorece o reconhecimento dos saberes ancestrais transmitidos entre gerações por meio da oralidade e da prática cotidiana. Esse conhecimento, muitas vezes invisibilizado em contextos formais, passa a ganhar espaço dentro da escola de maneira legítima e valorizada. O ensino deixa de priorizar apenas conteúdos externos e passa a integrar elementos da cultura local. Os estudantes reconhecem a importância de suas próprias tradições e histórias. Esse movimento contribui para a construção de uma aprendizagem mais significativa e crítica (Meneguelli, 2018).

O ensino das plantas medicinais contribui para a aproximação entre educação e saúde nas comunidades indígenas, promovendo uma visão mais ampla do cuidado com o corpo. Ao conhecer as propriedades das plantas, os alunos ampliam sua compreensão sobre práticas preventivas e terapêuticas. Esse aprendizado pode ser aplicado no cotidiano de forma prática e consciente. A escola passa a atuar também como espaço de promoção da saúde coletiva. Os estudantes tornam-se agentes de disseminação desse conhecimento em suas famílias. A comunidade é beneficiada com práticas mais informadas e seguras, onde o cuidado com a saúde passa a ser valorizado de forma integrada (Valadares, 2020).

A relação entre plantas medicinais e sustentabilidade é essencial no contexto indígena, pois envolve o uso responsável dos recursos naturais disponíveis no território. O conhecimento sobre preservação das espécies contribui para a manutenção do equilíbrio ambiental. As práticas tradicionais já demonstram preocupação com a conservação da natureza e seus ciclos. A escola reforça esses valores por meio de atividades educativas contextualizadas. Os estudantes aprendem a importância da biodiversidade e do uso consciente dos recursos. Esse aprendizado contribui para atitudes mais responsáveis e comprometidas com o meio ambiente (Coutinho, 2019).

A diversidade de plantas nos territórios indígenas amplia as possibilidades de estudo no ambiente escolar, permitindo abordagens práticas e investigativas. Os alunos podem observar, identificar e compreender diferentes espécies

utilizadas na medicina tradicional. Esse processo estimula a curiosidade e o interesse pelo conhecimento científico. O aprendizado ocorre de forma ativa, aproximando teoria e prática. O contato direto com o meio ambiente fortalece a compreensão dos conteúdos. A aprendizagem torna-se mais significativa e conectada à realidade dos estudantes (Gil, 2019).

A articulação entre saberes tradicionais e científicos enriquece o processo de ensino e aprendizagem, promovendo uma abordagem mais completa do conhecimento. O saber indígena dialoga com a ciência acadêmica de forma complementar, sem estabelecer hierarquias entre eles. Esse encontro amplia a compreensão dos fenômenos naturais e sociais. Os estudantes desenvolvem pensamento crítico ao analisar diferentes perspectivas. O ensino torna-se mais plural e respeitoso com a diversidade cultural. A integração de conhecimentos favorece a construção de novos significados e o aprendizado ganha maior profundidade (Cadete, 2019).

As atividades práticas envolvendo plantas medicinais tornam o ensino mais atrativo e participativo, pois favorecem o envolvimento dos estudantes de maneira mais dinâmica e significativa no processo educativo. A produção de chás, extratos e outros preparados pode ser explorada como estratégia pedagógica em sala de aula, contribuindo para que os conteúdos sejam compreendidos de forma mais clara. Dessa maneira, o aprendizado deixa de ser apenas teórico e passa a ter aplicação concreta, permitindo que os alunos participem ativamente das atividades desenvolvidas e construam conhecimentos a partir da experiência (Meneguelli, 2018).

A valorização da língua materna fortalece o ensino das plantas medicinais no contexto indígena, tornando o aprendizado mais acessível e próximo da realidade dos estudantes. O uso de termos locais facilita a compreensão dos conteúdos e reforça a identidade cultural, ao mesmo tempo em que a linguagem se torna um instrumento essencial na transmissão dos saberes tradicionais. Esse processo contribui para a preservação cultural e linguística das comunidades, fazendo com que a escola reconheça a diversidade de expressões presentes no ambiente educativo e promova um ensino mais inclusivo, respeitoso e conectado ao conhecimento (Silva, 2019).

A escola indígena pode atuar como um importante espaço de preservação cultural ao incluir as plantas medicinais em suas práticas pedagógicas e

curriculares. Esse conhecimento passa a ser registrado, valorizado e compartilhado de forma sistematizada entre os estudantes, que assumem o papel de manter viva essa herança cultural. Assim, a memória coletiva da comunidade é fortalecida por meio da educação, enquanto o ambiente escolar contribui para a continuidade desses saberes ao longo do tempo e amplia a visibilidade do conhecimento tradicional (Coutinho, 2019).

O estudo das plantas medicinais também permite discutir ética ambiental e responsabilidade no uso dos recursos naturais disponíveis no território. Por meio dessas reflexões, os estudantes aprendem a respeitar os ciclos da natureza e a evitar práticas que possam causar danos ao meio ambiente, desenvolvendo atitudes mais conscientes. A educação ambiental passa a integrar o cotidiano escolar de maneira prática, incentivando o respeito à natureza como um valor essencial na formação dos alunos e promovendo uma consciência ecológica contínua (Cadete, 2019).

A relação entre saúde e meio ambiente é abordada no ensino das plantas medicinais, evidenciando a interdependência entre esses elementos na vida das comunidades indígenas. A degradação ambiental pode comprometer a disponibilidade de espécies utilizadas no cuidado com a saúde, o que leva a escola a promover reflexões sobre essa realidade e suas consequências. Com isso, os estudantes passam a compreender o impacto das ações humanas sobre o meio ambiente e desenvolvem uma visão mais ampla, na qual o cuidado ambiental se torna uma preocupação coletiva integrada à saúde (Meneguelli, 2018).

O uso inadequado de plantas medicinais pode trazer riscos à saúde, o que reforça a importância da orientação no ambiente escolar indígena. Nesse sentido, a escola atua como mediadora entre o conhecimento tradicional e o científico, promovendo práticas mais seguras e responsáveis. Os estudantes aprendem sobre preparo, dosagem e possíveis efeitos das espécies utilizadas, o que contribui para evitar danos e incentivar o uso consciente dos recursos naturais, fortalecendo a prevenção e a confiabilidade do conhecimento adquirido (Valadares, 2020).

A participação da comunidade fortalece o ensino das plantas medicinais, pois promove a troca de saberes entre diferentes gerações e amplia as possibilidades de aprendizagem. Os mais velhos compartilham experiências e

conhecimentos com os estudantes, enriquecendo o processo educativo e valorizando a cultura local. Esse diálogo entre gerações fortalece os vínculos comunitários e transforma a escola em um espaço de integração social e cultural, onde o ensino é construído de forma colaborativa e o conhecimento circula de maneira coletiva (Coutinho, 2019).

A interdisciplinaridade amplia as possibilidades de ensino das plantas medicinais ao integrar diferentes áreas do conhecimento no processo educativo. Esse tema pode ser abordado em disciplinas como biologia, química e geografia, permitindo que os estudantes percebam as relações entre os conteúdos e desenvolvam uma visão mais ampla da realidade. Dessa forma, o aprendizado torna-se mais completo e articulado, reduzindo a fragmentação do ensino e ampliando a compreensão dos fenômenos estudados (Gil, 2019).

O uso de metodologias ativas estimula a participação dos estudantes no processo educativo, tornando o aprendizado mais dinâmico e envolvente. Atividades como pesquisas, debates e projetos incentivam o protagonismo dos alunos, que deixam de ser apenas receptores de informações e passam a construir seu próprio conhecimento. Ao longo desse processo, a autonomia é desenvolvida, o pensamento crítico é estimulado e o ensino se torna mais participativo, fortalecendo significativamente a aprendizagem (Silva, 2019).

A valorização cultural contribui diretamente para o fortalecimento da autoestima dos estudantes indígenas, promovendo reconhecimento e senso de pertencimento dentro do ambiente escolar. Ao perceber a importância de sua cultura, o aluno torna-se mais confiante e motivado, o que impacta positivamente no desempenho escolar. A identidade cultural passa a ser valorizada nas práticas educativas, enquanto a escola assume um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e na construção de uma formação mais significativa (Basso, 2021).

O contato com a natureza favorece o aprendizado sensorial, permitindo experiências diretas com as plantas medicinais utilizadas no cotidiano das comunidades. Os estudantes observam, tocam e identificam diferentes espécies, o que torna o ensino mais concreto e significativo. Essa vivência estimula a curiosidade de forma natural, fortalece a relação com o meio ambiente e contribui para a construção de um conhecimento mais duradouro, baseado na prática e na experiência (Cadete, 2019).

A preservação dos saberes sobre plantas medicinais depende da transmissão entre gerações e da valorização desses conhecimentos no ambiente escolar. Nesse sentido, a escola contribui ao registrar e sistematizar essas informações, tornando os estudantes agentes de preservação cultural dentro da comunidade. Esse processo fortalece a identidade coletiva, valoriza a memória social e garante que o conhecimento tradicional permaneça presente nas práticas educativas (Meneguelli, 2018).

A educação voltada à sustentabilidade incentiva o uso responsável dos recursos naturais disponíveis no território indígena, promovendo práticas de manejo e conservação das espécies medicinais. Os alunos aprendem a importância de preservar o meio ambiente, desenvolvendo uma consciência ecológica contínua. Assim, o respeito à natureza torna-se parte essencial da formação dos estudantes, enquanto a educação contribui para a construção de atitudes responsáveis e para o fortalecimento do cuidado ambiental (Coutinho, 2019).

O conhecimento das plantas medicinais pode contribuir para o desenvolvimento econômico das comunidades indígenas, ampliando as possibilidades de geração de renda de forma sustentável. O uso dessas espécies pode ser aplicado em atividades produtivas, permitindo que os estudantes compreendam o valor social e econômico desses saberes. A educação amplia as perspectivas de futuro, fortalece a comunidade e transforma o conhecimento tradicional em um recurso estratégico (Valadares, 2020).

A integração entre educação, saúde e sustentabilidade fortalece o papel da escola indígena na formação dos estudantes e na construção do conhecimento. O ensino das plantas medicinais representa uma estratégia eficaz nesse processo, pois permite que os alunos aprendam de forma contextualizada e significativa. O conhecimento científico dialoga com a tradição cultural, tornando a aprendizagem mais completa e relevante socialmente (Basso, 2021).

A abordagem das plantas medicinais no contexto escolar indígena promove a formação de indivíduos mais críticos e conscientes sobre sua realidade e seu papel social. O conhecimento adquirido ultrapassa o espaço da sala de aula e impacta diretamente a comunidade, incentivando a valorização cultural e a preservação ambiental (Coutinho, 2019).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa e abordagem

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter bibliográfico e com abordagem descritiva. Fundamenta-se na revisão de literatura acerca do uso de plantas medicinais em comunidades indígenas, com ênfase na valorização dos saberes tradicionais e sua relação com o contexto escolar. Essa abordagem permite compreender, de forma aprofundada, os significados e contribuições desses conhecimentos no campo educacional, sem a necessidade de coleta de dados empíricos em campo.

3.2 Contexto/local

O estudo foi desenvolvido no contexto acadêmico, por meio de levantamento bibliográfico realizado em bases de dados científicas. Não houve realização de pesquisa em campo, como escolas ou comunidades específicas. O foco esteve na análise de produções científicas nas áreas da Educação e das Ciências Biológicas, com destaque para temas relacionados à educação indígena, etnobotânica e uso de plantas medicinais.

3.3 Participantes/amostra/corpus (com critérios de inclusão/exclusão)

O corpus da pesquisa foi composto por 13 artigos científicos, 1 monografia e 1 livro, totalizando 15 referências selecionadas em bases e repositórios acadêmicos, como SciELO, CAPES, periódicos científicos e repositórios institucionais. Como critérios de inclusão, consideraram-se estudos que abordassem diretamente os saberes tradicionais indígenas, o uso de plantas medicinais, a etnobotânica e a educação escolar indígena, preferencialmente publicados nos últimos anos. Foram excluídos materiais que não apresentavam relação direta com a temática ou que não possuíam fundamentação científica adequada. O conjunto de fontes analisadas apresenta caráter teórico, sem identificação de participantes individuais.

3.4 Instrumentos e procedimentos de coleta

Os instrumentos utilizados consistiram na leitura, fichamento e elaboração de resumos analíticos dos materiais selecionados. A coleta de dados ocorreu por meio de buscas sistemáticas nas bases de dados, utilizando palavras-chave como “plantas medicinais”, “saberes tradicionais”, “educação indígena” e “etnobotânica”. Após a seleção dos estudos, realizou-se a leitura exploratória e, em seguida, a leitura aprofundada, com organização das informações relevantes em quadros e anotações.

3.5 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados foi realizada por meio de interpretação qualitativa dos conteúdos coletados. As informações foram organizadas por categorias temáticas, permitindo identificar relações entre os saberes tradicionais, o uso de plantas medicinais e o contexto escolar indígena. Esse processo possibilitou compreender padrões, convergências e contribuições dos estudos analisados, favorecendo uma visão integrada sobre a importância da valorização desses conhecimentos no campo educacional.

4. RESULTADOS

4.1 Organização por categorias, blocos ou variáveis

A análise dos estudos selecionados possibilitou a organização dos dados em categorias temáticas, construídas a partir da recorrência dos conteúdos encontrados na literatura. Essa sistematização permitiu identificar padrões, convergências e contribuições relevantes sobre o uso de plantas medicinais, os saberes tradicionais indígenas e sua inserção no contexto escolar. Os resultados estão apresentados de forma descritiva, organizados em blocos temáticos e acompanhados de quadros explicativos.

A partir da leitura e interpretação dos materiais, foram definidas três categorias principais: saberes tradicionais e práticas com plantas medicinais; interculturalidade no ensino de Ciências; e articulação entre educação, saúde e sustentabilidade no contexto escolar indígena.

Quadro 1 – Categorias temáticas identificadas na pesquisa

Categoria	Descrição
Saberes tradicionais e plantas medicinais	Conhecimentos ancestrais relacionados ao uso, preparo e significado cultural das plantas
Interculturalidade no ensino	Integração entre saber científico e saber indígena no ambiente escolar
Educação, saúde e sustentabilidade	Relação entre práticas educativas, cuidado com a saúde e preservação ambiental

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2026).

Essa organização em categorias possibilitou uma análise mais clara e estruturada dos dados coletados. A divisão temática contribuiu para evidenciar as relações entre os diferentes aspectos abordados na pesquisa. Dessa forma, tornou-se possível compreender de maneira integrada os principais achados do estudo.

4.2 Saberes tradicionais e uso de plantas medicinais

Os estudos analisados evidenciam que o conhecimento sobre plantas medicinais é amplamente difundido nas comunidades indígenas, sendo transmitido principalmente por meio da oralidade e da prática cotidiana. Observou-se que esse saber envolve não apenas aspectos terapêuticos, mas também dimensões culturais, espirituais e ambientais.

Os dados indicam que há um domínio significativo sobre identificação, preparo e aplicação das plantas, com técnicas específicas como infusão, decocção e maceração. Além disso, verificou-se que o uso dessas plantas está diretamente associado à manutenção do equilíbrio entre corpo, natureza e espiritualidade.

Quadro 2 – Principais características dos saberes tradicionais identificados

Aspecto	Evidências encontradas
Transmissão do conhecimento	Oralidade e convivência entre gerações
Função das plantas	Terapêutica, cultural e espiritual
Técnicas utilizadas	Infusão, decocção, maceração
Relação com o ambiente	Uso sustentável e respeito à natureza

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2026).

Os dados apresentados no quadro reforçam que os saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais são estruturados, complexos e profundamente enraizados na vivência comunitária. A transmissão por meio da oralidade e da convivência entre gerações garante a continuidade desses conhecimentos, enquanto suas múltiplas funções evidenciam a integração entre saúde, cultura e espiritualidade. O uso de técnicas específicas e o respeito ao meio ambiente demonstram um manejo consciente e sustentável dos recursos naturais.

4.3 Interculturalidade no ensino de Ciências

No que se refere ao ensino de Ciências, os resultados apontam que a interculturalidade contribui significativamente para a valorização dos conhecimentos indígenas no ambiente escolar. Os estudos analisados demonstram que a integração entre saberes científicos e tradicionais favorece uma aprendizagem mais contextualizada e significativa.

Foi identificado que práticas pedagógicas interculturais estimulam o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, promovendo o respeito à diversidade cultural e o desenvolvimento do pensamento crítico. Além disso, a inserção de temas como plantas medicinais no currículo aproxima o conteúdo escolar da realidade dos estudantes.

Quadro 3 – Contribuições da interculturalidade no ensino de Ciências

Elemento	Resultados observados
Integração de saberes	Diálogo entre ciência e tradição
Aprendizagem	Mais significativa e contextualizada
Participação dos alunos	Maior envolvimento e protagonismo
Formação crítica	Desenvolvimento do pensamento reflexivo

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2026).

Os dados apresentados no quadro evidenciam que a interculturalidade no ensino de Ciências promove uma integração efetiva entre diferentes formas de conhecimento, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. O diálogo entre ciência e tradição fortalece o envolvimento dos estudantes, incentivando sua participação ativa no processo educativo. Essa abordagem favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, ampliando a compreensão dos conteúdos e valorizando a diversidade cultural no ambiente escolar.

4.4 Educação, saúde e sustentabilidade no contexto escolar indígena

Os dados também revelam uma forte relação entre educação, saúde e sustentabilidade quando o tema das plantas medicinais é inserido no contexto escolar. A escola passa a desempenhar um papel importante na promoção da saúde, ao orientar o uso adequado das plantas e incentivar práticas seguras.

Os estudos indicam que o ensino voltado para plantas medicinais contribui para o desenvolvimento de uma consciência ambiental, destacando a importância da preservação da biodiversidade e do uso sustentável dos recursos naturais.

4.5 Síntese dos resultados encontrados

De modo geral, os resultados evidenciam que a valorização dos saberes tradicionais indígenas, especialmente no que se refere ao uso de plantas medicinais, contribui significativamente para o fortalecimento cultural, para a promoção da saúde e para a construção de práticas educativas mais inclusivas. Observou-se que a integração entre conhecimento científico e tradicional favorece uma educação mais crítica, contextualizada e alinhada à realidade dos estudantes. A abordagem interdisciplinar amplia as possibilidades de ensino, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e significativo.

Os dados analisados reforçam a importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e promovam o diálogo entre diferentes formas de conhecimento no ambiente escolar.

5. DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que os saberes tradicionais indígenas relacionados ao uso de plantas medicinais constituem um sistema de conhecimento estruturado, o que dialoga com autores como Silva (2019) e Zoia (2020). Esses autores destacam a relação entre cultura, natureza e práticas de cuidado, aspecto também identificado nesta pesquisa. A presença de técnicas específicas de preparo e aplicação das plantas confirma que esse conhecimento é construído de forma sistemática ao longo das gerações, convergindo com Paulino (2022), que reconhece o caráter organizado e intencional dessas práticas.

No campo educacional, a interculturalidade mostrou-se fundamental para a valorização dos conhecimentos indígenas no ensino de Ciências, em consonância com Ives-Felix (2019) e Cunha (2015). Os resultados indicam que a integração entre saberes científicos e tradicionais favorece uma aprendizagem mais significativa e contextualizada, conforme também apontado por Marisco (2016). Observa-se uma convergência entre os estudos analisados quanto à importância do diálogo entre diferentes formas de conhecimento, sem a presença de divergências significativas.

Ao comparar com estudos semelhantes, verifica-se que a inserção de temas como plantas medicinais no ensino de Ciências contribui para aproximar o conteúdo escolar da realidade dos estudantes. Autores como Neves (2020) e Gaudêncio (2022) também destacam que essa abordagem aumenta o interesse e a participação dos alunos, reforçando os achados desta pesquisa. Essa convergência evidencia a relevância de práticas pedagógicas contextualizadas, que considerem o contexto sociocultural como elemento central no processo de ensino-aprendizagem.

No que se refere às implicações para o ensino e para a área das Ciências Biológicas, destaca-se a importância de práticas pedagógicas mais inclusivas, interdisciplinares e interculturais. A valorização dos saberes indígenas contribui para a formação de estudantes mais críticos e conscientes, além de promover o respeito à diversidade cultural e ambiental.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou a importância dos saberes tradicionais indígenas, especialmente no uso de plantas medicinais, como um conhecimento complexo, estruturado e profundamente ligado à cultura, à natureza e à identidade dos povos indígenas. Esses saberes, transmitidos entre gerações, revelam formas próprias de compreender a saúde, o equilíbrio e o meio ambiente, destacando-se como um patrimônio cultural relevante que deve ser valorizado e preservado.

No contexto educacional, verificou-se que a interculturalidade no ensino de Ciências constitui uma estratégia fundamental para integrar os conhecimentos tradicionais ao saber científico. Essa articulação favorece uma aprendizagem mais significativa, contextualizada e inclusiva, além de fortalecer a identidade cultural dos estudantes. A inserção de temas como plantas medicinais no ambiente escolar contribui para aproximar o conteúdo da realidade dos alunos, promovendo maior participação, interesse e desenvolvimento do pensamento crítico.

A relação entre educação, saúde e sustentabilidade, mediada pelo ensino das plantas medicinais, amplia o papel da escola na formação integral dos estudantes. A valorização desses conhecimentos contribui para a preservação cultural, para a conscientização ambiental e para a promoção da saúde nas comunidades. Dessa forma, reforça-se a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade de saberes e promovam uma educação mais democrática, plural e socialmente comprometida. Recomenda-se que estudos futuros incluam a participação de professores, estudantes, lideranças, especialistas tradicionais e pesquisadores indígenas, respeitando os protocolos comunitários de autorização, registro e divulgação de conhecimentos.

7. REFERÊNCIAS

BASSO, E., LOCATELLI, A., & DA ROSA, C. T. W. (2021). **O ensino de Ciências com base no conhecimento tradicional sobre plantas medicinais.** Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas, 17(39), 234-252. <http://dx.doi.org/10.18542/amazreem.v17i39.11438>

CADETE, Daniel. **Ervas medicinais no ensino de ciência: saberes indígenas kaingang.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza. Universidade Federal Fronteira Sul, Erechim, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3188>. Acesso em: 24 de abr. de 2026.

COUTINHO, Cadidja; RUPPENTHAL, Raquel. **Um olhar sobre as questões culturais no curso de Ciências da Natureza.** RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Foz do Iguaçu, Paraná, v. 5, edição especial, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1167>. Acesso em: 24 de abr. de 2026.

CUNHA, M. A. **Educar com a Cultura: práticas pedagógicas indígenas.** São Paulo: Editora Ática, 2015.

GAUDÊNCIO, J. da S. (2022). **Interculturalidade no Ensino de Ciências: Uma Revisão Sistemática de Literatura.** Revista Faeeba: Educação e Contemporaneidade, 31(67), 325-340. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n67.p325-340>

GIL, P. A. (2019). **Medicina tradicional indígena na amazônia brasileira: Uma intervenção em saúde.** Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH, 3(2, Jul-Dez), 798-813. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/6840/4828>

IVES-FELIX, N. O., BARROS, F. B., & NAKAYAMA, L. (2019). **O ensino de ciências naturais como possibilidade de interculturalidade de saberes indígenas sobre plantas Amazônicas.** Revista Cocar, 13(27), 265-286. <https://orcid.org/0000-0002-4579-2748>

MARISCO, Gabriele; ROCHA, Rebeca. **Estudos Etnobotânicos em Comunidades Indígenas no Brasil.** Revista Fitos, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 155-162, dez. 2016.

MENDONÇA, D. G., & OLIVEIRA, R. M. D. S. R. (2020). **Educação indígena no Brasil: Entre legislações, formação docente e tecnologias.** Research, Society and Development, 9(8), e518985564-e518985564. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5564>

MENEGUELLI, Alexandre Zandonadi et al. **A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos na saúde pública brasileira.** Revista Enfermagem e Saúde Coletiva REVEESC, v. 2, n. 1, 2018.

NEVES, F. H. G.; QUEIROZ, P. P. **O Ensino de Ciências e a Saúde: por uma Docência Intercultural e Crítico-Reflexiva na Escola Básica.** Ciên. Educ., v. 26, e20013, p. 1 – 17, 2020.

PAULINO, I. R. (2022). **Desenvolvendo hábitos culturais e saberes práticos: Plantas medicinais como fonte de saúde coletiva.** Revista de Extensão da Integração Amazônica, 3(1), 164-167. <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/extensaodaintegracaoamazonica/article/view/2090/1269>

SILVA, J. A.; RAMOS, M. A. **Conhecimentos tradicionais e o ensino de ciências na educação escolar quilombola: um estudo etnobiológico.** Investigações em Ensino de Ciências, v. 24, n. 3, p. 121 – 146, 2019.

VALADARES, Juarez Melgaço; SILVEIRA Júnior, Célio. **Interculturalidade e ensino de ciências: O cotidiano de uma sala de aula.** Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 28(153): 1-13, e20059, 2020.

ZOIA, Alceu; FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Singularidades na construção identitária da formação continuada em escolas indígenas.** Humanidades e Inovação, 9(23): 233-242, 2020.